

2793296 - PERCEPÇÃO DE PROFESSORES ACERCA DO BULLYING.

Leticia Nagel Bérghamo (Prefeitura de Joinville), Josafá Moreira da Cunha (UFPR)

O bullying pode ser compreendido como uma forma relacional agressiva, onde há o exercício de poder de um ou mais alunos sobre outro(s), de modo intencional e com caráter repetitivo. Trata-se de uma problemática presente nas interações sociais de crianças nas escolas e exige intervenção dos professores. Este estudo teve como objetivo conhecer a percepção dos professores sobre o bullying, considerando: (i) frequência de situações em seu contexto; (ii) nível de gravidade; (iii) necessidade de intervenção; (iv) autoeficácia para lidar com a situação. Para tanto, delineou-se um estudo quantitativo. Participaram 50 professores do ensino fundamental da cidade de Joinville (SC), que responderam o Questionário de Práticas Docentes diante do Bullying. O instrumento apresentou duas vinhetas que ilustraram um episódio de agressão direta e um de agressão relacional envolvendo alunos. Observando as vinhetas, os professores responderam os itens mencionados através de escala de quatro pontos. Os dados foram analisados por meio da estatística descritiva e do teste de Wilcoxon. Os professores relataram que pouco observaram incidentes de bullying entre os seus alunos durante o último semestre e perceberam situações de agressão direta com mais frequência do que situações de agressão relacional. A percepção do nível de gravidade variou entre moderado e alto (código 2 = moderado e 3 = alto), no entanto o episódio de agressão direta (média 2,86) foi considerado mais grave do que o de agressão relacional (média 2,66), havendo resultado significativo pelo teste de Wilcoxon ($Z=-2,13$; $p=0,03$). Os participantes concordaram com a necessidade de intervenção em situações de bullying (média 2,80) (código 2 = concordo em parte e 3 = concordo totalmente), no entanto, concordaram em parte quanto à percepção de autoeficácia para lidar com as situações, sendo este um dado significativo ($Z=-5,55$; $p=0,00$). Outros estudos informam que geralmente o professor não se sente preparado para lidar com o bullying (Bauman & Hurley, 2005; Duy, 2013). A percepção de incidentes de agressão direta como mais graves do que incidentes de agressão relacional também foram encontradas nas pesquisas de Bauman e Del Rio (2005), Jacobsen e Bauman (2007) e Cunha (2013). Tanto diante da agressão direta como da agressão relacional a intervenção é importante e pode contribuir para a redução da incidência de bullying (Duy, 2013; Olweus, 1993; Smith & cols., 2002). Os resultados enfatizam a necessidade de formação docente sobre o tema.

7471262 - PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DE CASOS DE VIOLÊNCIA AUTOPROVOCADA NO RIO GRANDE DO SUL NO PERÍODO DE 2014 A 2017.

Isadora Silveira Ligório (PUCRS), Lívia Maria Bedin Tomasi (UFRGS), Luísa Fernanda Habigzang (PUCRS)

A violência autoprovocada é caracterizada por lesões intencionais que uma pessoa provoca em si mesma e inclui comportamentos de autoagressões, tentativa de suicídio e suicídio. A autoagressão e a tentativa de suicídio são consideradas importantes fatores de risco para o suicídio consumado. O Rio Grande do Sul é um dos estados com maiores índices de violência autoprovocada e o estado com maiores taxas de óbito por suicídio, apresentando 10,3 óbitos a cada 100 mil habitantes, quase o dobro da média nacional. Apesar de ser um grave problema de saúde pública, casos de violência autoprovocada são subnotificados, o que faz com que o acesso aos dados seja limitado. A notificação e posterior análise desses casos é necessária para compreender as particularidades dessa população, bem como identificar a magnitude e gravidade do fenômeno. O trabalho tem como objetivo analisar casos de violência autoprovocada notificados por profissionais da saúde no RS, no período de 2014 a 2017, avaliar os meios de violência predominantes e características associadas. Trata-se de um estudo quantitativo e descritivo, em que foram realizadas análises descritivas (frequências) e de associação (qui-quadrado). Foram analisadas 13.820 notificações de casos de violência autoprovocada e suas informações foram extraídas das fichas de notificação individual de violência interpessoal/autoprovocada (FIN-SINAN) planilhadas e cedidas pelo Centro de Vigilância em Saúde. A média de idade identificada foi de 34,27 anos ($DP=16,12$) e 64,78% dos casos eram do sexo feminino. Os resultados indicaram maior prevalência de casos de lesão autoprovocada em mulheres, solteiras, de ensino fundamental incompleto, na faixa etária do início da adolescência até a vida adulta, de zona urbana, em que a maior parte das ocorrências aconteceram na residência e apresentaram caráter repetitivo. Estudos sobre violência autoprovocada ainda são incipientes no Brasil. Ressalta-se a importância de pesquisas na área, para melhor compreender os aspectos dessa população e fatores de risco associados. A notificação imediata desses eventos é uma estratégia de prevenção para novas lesões, tentativas ou concretização do suicídio. Fomento: CNPq

3999653 - VITIMIZAÇÃO ENTRE PARES: UMA EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÃO.

Leticia Nagel Bérghamo (Prefeitura de Joinville), Josafá Moreira da Cunha (UFPR)

A vitimização entre pares pode ser definida como um desequilíbrio de forças que ocorre na interação social entre pares, com a presença de comportamento agressivo e negativo em detrimento de alguém, podendo se prolongar ao longo do tempo. Nesse contexto, é importante compreender como processos discriminatórios podem influenciar esse modo relacional. Este trabalho apresenta uma experiência de atuação do psicólogo numa situação de discriminação envolvendo uma menina de 11 anos, filha de pais de baixa renda. O atendimento ocorreu no Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS de Joinville (SC), devido a uma denúncia de negligência efetuada pela escola. A avaliação realizada, apontou que a criança não era negligenciada por seus pais, mas sofria discriminação na escola,